

Juventudes sul-americanas: pontes possíveis para uma outra democracia

Patrícia Lânes*

Adotar como ponto de partida o sujeito jovem é apostar na juventude como ator político fundamental para a construção de uma democracia mais inclusiva, cujos princípios – igualdade, liberdade, diversidade, solidariedade e participação – possam ser praticados de fato e cada vez mais. Compreender o papel dos(as) jovens nesse processo pode ser também um meio para entender de que maneira outros atores (Estado, escola, família, ONGs, movimentos sociais etc) poderiam contribuir para o envolvimento de um número cada vez maior de jovens nos processos de transformação de nossas sociedades. A América do Sul aparece nesse cenário como aposta em um modelo de integração que ultrapasse fronteiras nacionais e o âmbito governamental, significando, mais que isso, uma efetiva integração entre os povos.

A história dessa pesquisa não começa agora. Desde 2005, Ibase e Pólis vêm reunindo organizações não-governamentais e universidades para conhecer melhor a realidade dos(as) jovens. Em um primeiro momento, as duas instituições realizaram uma ampla pesquisa no Brasil – que contou com fase quantitativa e realizou 39 Grupos de Diálogo – para entender de que formas os(as) jovens moradores(as) de regiões metropolitanas participam, verificando potencialidades e entraves para essa participação.

Quem são as juventudes da América do Sul? O que querem os(as) jovens de países que, apesar de proximidades em suas histórias, possuem também muitas distâncias entre si? Como se organizam esses(as) jovens e que questões vêm propondo? Essas e outras perguntas motivaram a pesquisa “Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção de uma democracia regional”. O trabalho foi coordenado pelas organizações não-governamentais Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, com apoio do International Development Research Centre (IDRC).



Jovens bolivianos participam de manifestação estudantil em Plaza Bolívia

Mais recentemente, em 2007, ambas as instituições colocaram-se o desafio de conhecer melhor os(as) jovens organizados(as) no Brasil e em outros cinco países da América do Sul. Conhecer suas demandas, suas formas de organização, as estratégias que utilizam para colocar suas pautas e necessidades para toda

a sociedade, os aliados que conquistam nesse processo e como se dá sua relação com o mundo adulto e com o poder público foram então os principais objetivos colocados.

Reconhecendo um histórico de tentativas de integração entre os países da região com foco

nos governos e, sobretudo, nos mercados, mostrava-se desafiadora e necessária a produção de conhecimento compartilhado sobre formas de aproximação entre sociedades e movimentos. Foi aí que entidades que já trabalhavam com jovens (ou vinham estudando o tema) em seis países da região (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) se juntaram para conhecer melhor as realidades e demandas desses(as) jovens. Nesse período foram realizados 19 estudos a partir de organizações juvenis ou movimentos e entidades em que jovens se organizavam. Foi possível concluir que, apesar das muitas diferenças e desigualdades, há demandas de certo modo “transversais”. Estas, de acordo com cada realidade e enfoque, acabam ganhando novos sentidos e desenhos, como foi o caso das demandas por educação pública, gratuita e de qualidade; trabalho digno; acesso à fruição e à produção cultural; mobilidade/ transporte na cidade e no campo; meio ambiente, e segurança e direitos humanos.

Analisar grupos tão diferentes quanto jovens estudantes do Chile; mulheres jovens de origem aymará que trabalham como empregadas domésticas em La Paz, na Bolívia; jovens organizados(as) em partidos no Uruguai; jovens participantes de organizações camponesas no Paraguai; filhos(as) de desaparecidos(as) durante a ditadura militar na Argentina, ou jovens trabalhadores(as) do

Reconhecendo um histórico de tentativas de integração entre os países da região com foco nos governos e, sobretudo, nos mercados, mostrava-se desafiadora e necessária a produção de conhecimento compartilhado sobre formas de aproximação entre sociedades e movimentos.

telemarketing sindicalizados(as) em São Paulo, no Brasil, pode ser arriscado e dar a impressão de que realidades muito diferentes estão mais próximas do que de fato são. No entanto, a busca por pontos em comum, reconhecendo diversidades, desigualdades e especificidades, pode nos ajudar a perceber possíveis traços geracionais. Marcas de uma conjuntura histórica que, ao mesmo tempo em que cria abismos aparentemente incontroláveis entre as juventudes rural e urbana, entre jovens negros, indígenas e brancos, entre mulheres jovens e homens jovens etc, também coloca esses e essas jovens em um contexto no qual os limites da realidade e a falta de garantia de seus direitos acabam por aproximá-los(as) com base naquilo que Estados e sociedades não têm sido capazes de garantir, ainda que vivam em países distintos. O que está em jogo não é apenas o futuro desses(as) jovens, mas as possibilidades que estão (ou não) colocadas como alternativas em seu presente.

Esse primeiro levantamento levou-nos a pensar que seria importante ouvir outros grupos, movimentos e entidades. Por essa razão, no início de 2008 foram organizados 36 grupos

focais onde a identidade juvenil, as demandas (a partir daquelas mapeadas na investigação anterior) e as percepções sobre instituições e políticas públicas foram debatidas. Os grupos focais envolveram mais de 300 jovens participantes de redes, grupos e movimentos organizados a partir de questões como cultura, gênero e etnia, meio ambiente, políticas públicas de juventude, trabalho, saúde sexual e reprodutiva, educação, acesso à terra, vida segura, altermundismo, serviço militar obrigatório, circulação e situação de jovens imigrantes. Além dos(as) jovens militantes, cada país também realizou entrevistas ou grupos focais envolvendo mediadores (gestores públicos, pesquisadores, representantes adultos de movimentos e organizações etc) das demandas pesquisadas.

O panorama traçado nesse momento da pesquisa nos permitiu analisar de que maneira o(a) jovem percebe-se na sociedade. Suas falas apontaram contradições vividas durante essa fase da vida, mas também a força da condição de classe na percepção de tais contradições. As idéias de moratória social, de moratória vital e de juventude como ator político também permearam seus discursos. A identidade juvenil aparece como identidade negociada e negociável que, por vezes, faz sentido para muitos(as) jovens organizados(as), na medida em que marca uma diferença e uma possibilidade de enfrentamento

O panorama traçado nos permitiu analisar de que maneira o(a) jovem percebe-se na sociedade. Suas falas apontaram contradições vividas durante essa fase da vida, mas também a força da condição de classe na percepção de tais contradições.

Quando se fala de outras identidades ou condições, questões de classe, gênero e raça/etnia aparecem, em muitos momentos, com mais força do que o fato de serem ou não jovens.

em relação aos adultos (sobretudo dentro de organizações ou movimentos em que estão inseridos). Em outros momentos, ao contrário, a identidade juvenil revela-se detentora de um estigma que não permite a esses(as) mesmos(as) jovens ocuparem determinados espaços de poder (seja em postos dentro das organizações, seja debatendo temas e questões não associados ao “mundo juvenil”). Do mesmo modo, quando se fala de outras identidades ou condições, questões de classe, gênero e raça/etnia aparecem, em muitos momentos, com mais força do que o fato de serem ou não jovens.

Em seguida foi feito, com a ajuda do Ibope, uma ampla pesquisa de opinião, envolvendo cerca de 14 mil questionários nos seis países. Através desse instrumento foi possível ouvir jovens e adultos sobre questões relativas

à juventude. Também será possível conhecer melhor o que há de semelhante ou de diferente entre suas opiniões sobre diversos temas. Ouvir adultos em uma pesquisa sobre juventude revela uma perspectiva diferente, que pretende contribuir para pensar o(a) jovem a partir do contexto em que se insere, levando em conta que sua trajetória se inscreve em uma sociedade onde a relação com o chamado “mundo adulto” é permanente.

O projeto prevê, ainda, a realização de sete Grupos de Diálogo – seis nacionais e um regional – onde jovens de movimentos, organizações, redes e fóruns já envolvidos em outras fases da pesquisa serão convidados(as) a se reunir para debater conjuntamente sua realidade a partir de temas, dados e argumentos tratados nas etapas anteriores. Essa fase irá gerar mais subsí-

dios para análise, mas, sobretudo, representará um momento privilegiado de articulação entre movimentos e organizações nos seis países envolvidos.

Em 2008, foram gerados seis relatórios nacionais com a análise dos grupos focais realizados em cada país. Esse material também deu origem à publicação “Ser joven en Sudamerica: diálogos para la construcción de la democracia regional”, editado por nosso parceiro no Chile, o CIDPA, reunindo artigos dos seis países a partir de um dos eixos dos grupos focais (o que é ser jovem hoje?).

Todo esse material encontra-se disponível em um espaço virtual criado para a pesquisa: o site Juventudes Sul-Americanas (www.juventudesulamericanas.org.br). Lá, além da história da pesquisa e dos materiais, dados e análises produzidos ao longo do processo, é possível encontrar matérias, artigos, fotos e vídeos sobre a juventude dos seis países. A página eletrônica foi também pensada como ponto de encontro entre jovens (organizados(as) ou não), pesquisadores(as), gestores públicos, educadores(as) e quem mais tiver interesse em conhecer um pouco mais sobre a realidade dos(as) jovens de nossos países a partir de outras perspectivas. **!**

* PATRÍCIA LÁNES é socióloga, pesquisadora do Ibase e membro da coordenação técnica da pesquisa “Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional”.



Jovem do movimento camponês participa de ocupação no Paraguai



Manifestação estudantil do episódio conhecido como “Rebelião dos Pinguins” - Chile, 2006